

Francisca Trindade

Patrus Ananias*

Embora há anos somando sonhos e energias no mesmo partido e movimentos sociais, os nossos caminhos só se encontraram na Câmara dos Deputados, no planalto central, onde se cruzam as vocações e os destinos impulsionados pelos sentimentos da pátria. Sendo eu mais velho comecei um pouco antes. Ela também começou cedo a sua trajetória: menina, sentiu o drama e a violência do racismo – tanto mais sutil e dissimulado, quanto mais perverso – e das desigualdades sociais. Adolescente, iniciou-se na pastoral da juventude e aos 14 anos saudou o papa em nome da mocidade piauiense. Logo começou a trabalhar com as famílias e comunidades lesadas em um direito elementar: o direito à moradia, pressuposto do sagrado direito ao lar e à intimidade pessoal e familiar, juntamente com o direito à cidade e ao desenvolvimento da pessoa humana. Assumi simultaneamente, com o mesmo vigor e determinação, a luta pelos direitos de cidadania das pessoas e dos grupos negros.

Chegou à Câmara dos Deputados aos 37 anos como a deputada federal mais votada do Piauí, incluídos os homens, tendo cumprido os mandatos de vereadora e deputada estadual em Teresina. Logo despertou-me a atenção e o afeto aquela jovem senhora negra, de porte e andar serenos, meio que pensativos, mas firmes e altivos como os das autênticas filhas de Zumbi. A consciência de raça e de classe, do seu lugar e papel históricos, não lhe subtraíram as qualidades de delicadeza e acolhimento tão próprias dos nossos irmãos compatriotas afro-brasileiros. Porta-voz lúcida e corajosa de uma raça e de um povo oprimidos, carregava no andar, leve e precocemente cansado, a temura das nossas mães e irmãs pretas, fundadoras e coesionadoras da nacionalidade.

Tornamo-nos amigos. Acompanhava com discreto encantamento a sua presença disciplinada e assídua no plenário e nos debates da Câmara. Falava com a autoridade, a alma, o discernimento dos seus, dos nossos ancestrais, com a cultura vivida de quem estudou e aprendeu a despeito de todas as circunstâncias. Falava-me, discreta, dos seus trabalhos e projetos, da possível candidatura à Prefeitura de Teresina. Mais do que com palavras falava com gestos, os sinais, uma nobre humildade. Partilhei suas angústias vividas em face do momento que vivemos. Tinha um compromisso de vida com o Partido dos Trabalhadores, amor de infância e juventude; um carinho muito especial pelo Presidente Lula, mas em nome dos que sofreram 500 anos de opressão queria mais agilidade nas políticas sociais, mais urgência e carinho nos cuidados com os excluídos; questionava alguns pontos da reforma previdenciária.

Assumi com ela e comigo mesmo um compromisso: ir a Teresina e participar de sua campanha. Como um cidadão brasileiro a pedir ao povo daquela bela e aquecida cidade que desse ao Brasil uma prefeita de dimensões nacionais.

candidata
-a
prefeita
PT

Piauí

De repente a notícia brutal: um acidente vascular. Era o adeus da Trindade. Amizade fugaz e passageira, que durou o tempo das rosas de Malherbe? Fui a Teresina prestar-lhe a minha última homenagem. Foi bom ter ido. Trindade era a irmã, a mãe, a companheira daquela gente sofrida. Vereadora e deputada, deles não se afastou. A deputada Trindade continuou morando entre eles. Fui para me despedir, voltei com ela, viva, no coração e na memória. Assumi um compromisso: não deixar esquecido ali a memória irradiadora daquela mulher do povo brasileiro. Senti que era meu dever, como fizeram os apóstolos com Jesus, integrá-la no acervo dos santos vivos do meu altar interior. Voltei em paz de Teresina. Reafirmei meu compromisso – onde quer que encontre uma mulher, independentemente da idade, da cor, da condição social, estarei mais atento: Trindade está presente. Quando confrontar, no mistério das diferenças e da igualdade da condição humana, um irmão negro descendente direto dos escravos, serei mais rigoroso comigo mesmo e com a sociedade brasileira no resgate dessa dívida histórica: Trindade, mulher negra, está presente. Quando meus olhos, ainda que cansados de tanta injustiça e insensatez, não mais se desviarem do pobre, e como eles são tantos e crescentes entre nós – não mais frearei a minha indignação diante do "ser humano impossibilitado de SER" e, mais uma vez, recordarei: Trindade, mulher negra, pobre e dos pobres, está presente.

* Patrus Ananias (PT-MG) é deputado federal e membro da Academia Mineira de Letras

Publicado pelo jornal Estado de Minas em 7/8/2003, caderno Opinião